



A Ciência no Telejornalismo Brasileiro: aspectos discursivos e quantitativos na divulgação científica pelos canais abertos ¹

Davi Lira de MELO²
Isaltina Maria de Azevedo Melo GOMES³
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a investigar a cobertura de Ciência e Tecnologia em telejornais brasileiros de canais abertos. Pretende-se avaliar, comparativamente, como se dá a divulgação científica no telejornalismo praticado por emissoras pública e comercial, envolvendo os conteúdos abordados, a linguagem utilizada e os formatos das matérias. Tomando por base a Análise do Discurso, pretende-se observar o comportamento textual e discursivo dos relatos jornalísticos. De forma pontual, busca-se analisar a cobertura de apenas uma edição, de um telejornal de TV Comercial e um de TV Pública. Tinha-se como perspectiva melhor definir o arcabouço teórico-pragmático, e preparar as ferramentas técnico-laboratoriais na catalogação dos dados a serem analisados de forma mais ampla, adiante, em um segundo momento da pesquisa. Espera-se um produto investigativo mais consolidado apenas em julho de 2010.

PALAVRAS-CHAVE: divulgação científica; jornalismo científico, telejornalismo.

INTRODUÇÃO

Não é fácil estipular um momento histórico preciso onde se inicia uma troca significativa de informações entre os cientistas e a sociedade. A divulgação se torna uma realidade, apenas quando um público numeroso, diferenciado e curioso, pertencente à aristocracia e à alta burguesia, dispõem-se de tempo e se interessam pela ciência e pelos seus resultados (LEÓN, 1999).

Segundo Hernando (1992):

“O nascimento da divulgação se produz no séculos XVII e XVIII, e só foi possível graças ao abandono do latim como língua do conhecimento, o que permitiu que alguns conhecimentos científicos estivessem disponíveis ao alcance dos profanos.”

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Campina Grande-PB, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo do CAC-UFPE (Recife), e Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC: UFPE/PROPESQ/CNPq, email: davilira@gmail.com

³ Orientadora do trabalho: Professora do Departamento de Comunicação do Curso de Jornalismo do CAC e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE - PPGCOM, email: isaltinagomes@gmail.com



A Ciência Moderna começa a ganhar corpo e importância na Europa do final do século XVII. Nesse momento, os cientistas tornam-se aliados do Estado, tendo em vista que já era perceptível que seus conhecimentos e inventos poderiam contribuir pela melhoria do comércio, da indústria, da saúde e da arte da guerra.

Mas será o século XIX, o período de apogeu da divulgação científica. É que logo após a época de surgimento da primeira edição da Enciclopédia Francesa, em 1780, compilada por D'Alembert e Diderot, ocorre um processo de busca pela especialização de assuntos e questões. Os Estados promovem incentivos juntos aos cientistas para o desenvolvimento de seus estudos, e para a comunicação dos resultados de suas pesquisas. Surgem assim, as primeiras revistas científicas, e já em 1828, a fundação na Grã Bretanha da Sociedade para a Divulgação do Conhecimento Útil.

O jornalismo científico vai aparecer quase um século depois, em 1927, nas páginas do The New York Times, com as crônicas de Waldemar Kaempffert (LEÓN, 1999). Isso porque, com a sua formação de engenheiro foi possível incluir debates e temáticas científicas que não se relacionavam com a linha adotada naquele período, o momento da imprensa amarela nos Estados Unidos.

Mas inevitavelmente, a aproximação conceitual e social ocorrerá de forma mais contundente com o desenvolvimento dos meios audiovisuais, em especial a televisão, principalmente no final do século XX.

E na televisão, o brasileiro deposita uma importância e centralidade bastante significativa. Essa conclusão foi observada em pesquisa realizada em 2006 pela Agência de Notícias Reuters, da BBC, e dos Media Centre Poll da Globescan. Nela observou-se que 56% dos entrevistados credenciam o telejornal como a principal fonte de informação (VIZEU, 2008).

E nessa direção, Gomes (1995) atesta que: “(...) no Brasil, o telejornalismo é um dos caminhos mais viáveis para a popularização do conhecimento científico”.

O fato é que além do caráter informativo, atribui-se à divulgação uma função educativa. De acordo com Zamboni (2001):

“Caberia, dessa forma, à divulgação, a tarefa maior de exercer a partilha social do saber, levando ao homem comum o conhecimento do qual ele historicamente foi apartado e do qual foi-se mantendo cada vez mais distanciado, à medida que as ciências se desenvolviam e mais se especializavam.”



Buscar gerar perspectivas diferenciadas em relação à divulgação do conhecimento científico, por telejornais de contextos e naturezas distintas (comercial e público) é o objetivo maior dessa pesquisa que ainda encontra-se em andamento.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se propõe a investigar a cobertura de Ciência e Tecnologia em telejornais brasileiros de canais abertos. Pretende-se avaliar, comparativamente, como se dá a divulgação científica no telejornalismo praticado por emissoras públicas e comerciais, envolvendo os conteúdos abordados, a linguagem utilizada e os formatos das matérias. Tomando por base a Análise do Discurso, pretende-se observar o comportamento textual e discursivo dos relatos jornalísticos catalogados e sistematizados para tanto.

Dessa maneira, de forma pontual, neste trabalho, especificamente, busca-se analisar a cobertura de apenas uma edição, de um telejornal de TV Comercial e um de TV Pública. Tinha-se como perspectiva melhor definir o arcabouço teórico-pragmático, e preparar as ferramentas técnico-laboratoriais na catalogação dos dados a serem analisados de forma mais ampla, adiante, em um segundo momento da pesquisa. Se terá um produto investigativo mais consolidado apenas em julho de 2010.

Neste artigo, como representante comercial, escolheu-se o Jornal Nacional, primeira emissão jornalística a ir ao ar em cadeia nacional, em 1º de setembro de 1969. Ao lado do telejornal da Rede Globo, optou-se pelo Repórter Brasil, da TV Brasil, como o representante de um novo momento da TV pública no país, recentemente instalada na grade nacional.

TELEJORNALIS ANALISADOS – VEÍCULO COMERCIAL

Veiculado pela Rede Globo de Televisão desde o final da década de 60, o Jornal Nacional é considerado um dos principais veículos de notícias do país, não somente por estar contido no “Padrão Globo de Qualidade”, mas por estar disponível à maior parcela da população. Segundo o editor-chefe e âncora do Jornal Nacional William Bonner em seu livro *Jornal Nacional - Modo de Fazer* (BONNER, 2009), “O Jornal Nacional tem por objetivo mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no Mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção”.



Com o factual como prioridade, os temas de atualidades não factuais só tomam forma quando o noticiário está menos volumoso (BONNER, 2009). Em geral, segundo o autor:

“o factual ocupa cerca de 80% dos 33 minutos líquidos do JN, sendo dividido em aproximadamente 25 assuntos apresentados por meio de reportagens, entrevistas, notas lidas pelos apresentadores e ilustradas por imagens, notas curtas sem apoio de imagem e em entradas ao vivo de repórteres”.

TELEJORNALIS ANALISADOS – VEÍCULO PÚBLICO

A TV Brasil, como iniciativa federal de implementação de uma rede de televisões públicas, foi implantada em 2008. Possui equipe própria, orçamento público e centro de decisões colegiado, formado por técnicos, dirigentes e membros da sociedade civil. Tem perfil de TV Pública, mesmo possuindo traços de televisão estatal.

Dentro de sua estrutura de programas, reserva espaço considerável para o telejornalismo. O Repórter Brasil é o seu carro-chefe. Possui uma hora de duração diária. Esse telejornal noturno, criado desde 2008, nasceu um pouco desarticulado pela falta de estrutura de correspondentes e afiliadas dentro do território nacional, além de dificuldades de infraestrutura tecnológicas: captação de sinal, falta de link de satélite das emissoras públicas afiliadas, dificuldades de transmissões ao vivo e restrições na utilização de infográfico. O Diretor Executivo de Jornalismo da Empresa Brasileira de Comunicação (controladora da TV Brasil), em entrevista concedida por e-mail em 2009, fala um pouco sobre essa questão:

“Escolhemos o material que as emissoras públicas afiliadas optam ou conseguem mandar (poucas equipes, equipamento precário, foco no jornal local, dificuldades na geração - muitas não tem sequer ligação com a Embratel)”

No entanto, esse cenário vem sofrendo modificações. Desde o final de 2009, o telejornal passou por um processo de mudanças. Cenografia, formato, adesão de emissoras locais, e utilização de quadros interativos, com utilização de grafismos.

A noção de jornalismo público de qualidade, centro de ação editorial do veículo, sugere alguns questionamentos quando são envolvidas as questões da relevância e do enfoque da notícia de ciência divulgada em seu telejornal, principalmente quando observado o entendimento Diretor Executivo Eduardo Castro, quanto a esse ponto:

“Temas científicos e assemelhados estão sempre no nosso radar. E também no de muitas de nossas emissoras parceiras, como, por exemplo, as universitárias. Não é possível levantar uma estatística sobre o tema, pois é difícil "separá-lo jornalisticamente".



SELEÇÃO DAS EDIÇÕES

Na eleição da edição dos programas, buscou-se fugir de dias com coberturas marcantes de fatos esporádicos. Eventos sazonais também foram desconsiderados na escolha da data, como também a quarta-feira, data onde são divulgados os novos artigos científicos das revistas *Nature* e *Science*. Por fim optou-se pelos telejornais do dia 19 de fevereiro de 2010. Uma sexta-feira, pós finalização de transmissões focadas em carnavais, e com assuntos jornalísticos mais diversificados.

A análise metodológica foi efetuada através de elaboração de espelhos próprios, em formato de planilha eletrônica, com doze colunas descritivas, abarcando todos os relatos jornalísticos do programa de notícias. Cronometraram-se todos os gêneros telejornalísticos, categorizando-se editoriais, sempre destacando elementos técnicos e observações de caráter discursivo. Adicionalmente foram criadas tabelas gráficas para melhor observar a preponderância de temáticas, tempos e recursos extras empregados nos relatos, como existência de artes gráficas e de ao vivo, por exemplo.

PROBLEMAS DE PESQUISA

Esses são os principais problemas da pesquisa:

Tabela 1 – Os dez principais problemas de pesquisa

- 1 No jornalismo científico, a linguagem deve ser acessível ao público e satisfazer a precisão científica. Isso aconteceu nas matérias dos telejornais?**
- 2 Como se dá a abordagem da TV pública e da TV privada?
- 3 Nas edições diárias, é possível observar apuro jornalístico nas matérias de cunho científico?
- 4 Há preponderância na abordagem de algum assunto científico específico?
- 5 A Ciência é repassada como sinônimo de verdade e infalibilidade?
- 6 Quanto aos recursos tecnológicos, emprega-se com a função pedagógica?
- 7 Cientistas são apresentados segundo algum estereótipo?
- 8 A voz do especialista, quando aparece, acrescenta alguma informação relevante?
- 9 Se há a presença de instituição de pesquisa, como ela é abordada ao longo da matéria? É nacional? De que região?
- 10 Como são os cenários e o ethos empregado na veiculação da temática científica?



RESULTADOS PARCIAIS

A centralidade da análise desse estudo encontra-se na análise quantitativa, baseadas nas planilhas eletrônicas criadas. Os dados mais relevantes estão expressos nas tabelas e nos gráficos a seguir:

Tabela 2 – Comparativo entre a estrutura telejornalística

Telejornal	Duração Total	Duração Líquida	Qtdade Blocos	Duração Média Bloco	Duração maior Bloco	Total de Relatos	Total de VT's	Total de Notas peladas	Total Notas Cobertas
JN	45 minutos	28min 45s	5	5min 45s	12min 20s (1°) 43% tempo	40	11	5	2
RP	60 minutos	53 min	4	13min 15s	14min 33s (1°) 27% tempo	74	21	2	2

JN = Jornal Nacional

RP = Repórter Brasil

VT's= Video Tapes

Gráfico 1 – Editorias: percentual pelo tempo total do Jornal Nacional

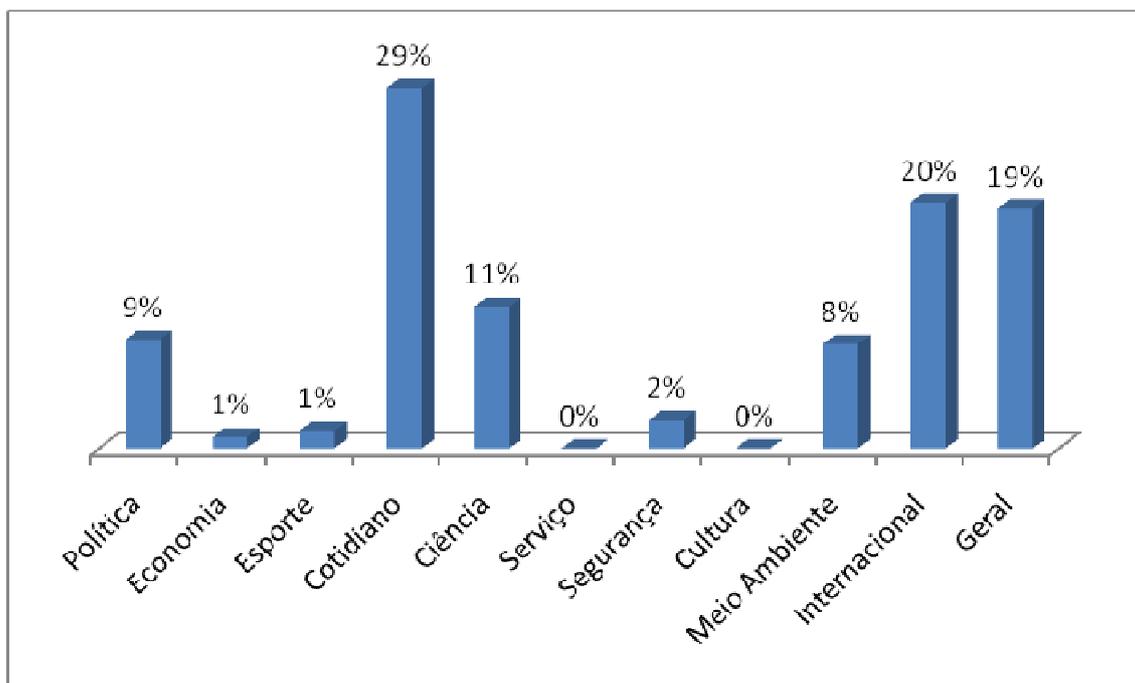


Gráfico 2 – Editorias: percentual pelo tempo total do Repórter Brasil

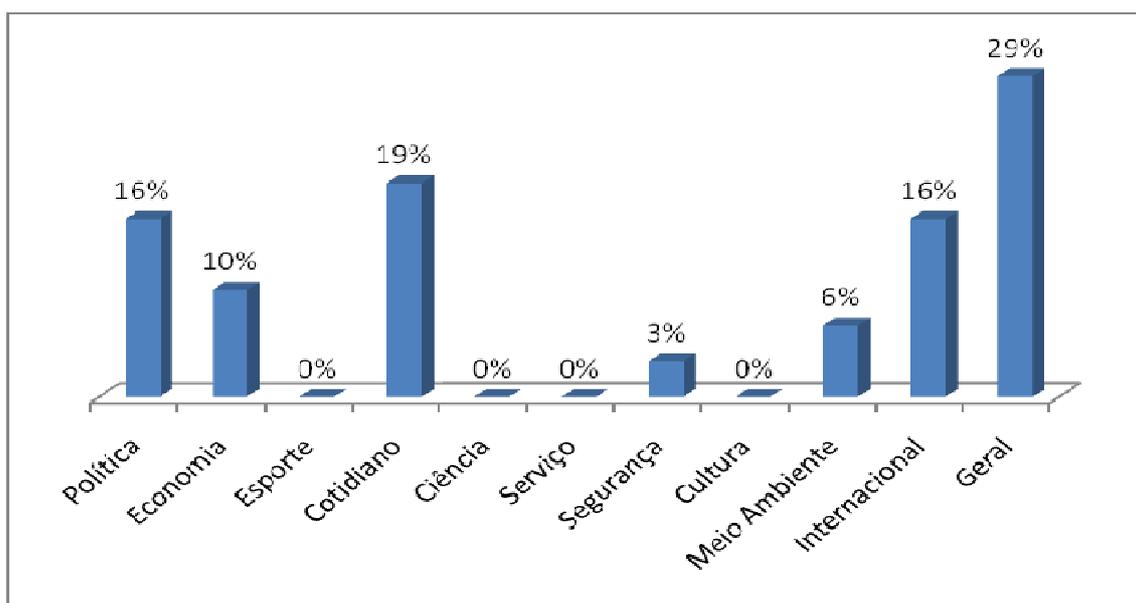


Tabela 3 – Comparativo entre os tipos e características dos relatos nos telejornais

Telejornal	Total de Relatos	Qtidade Científicas	Qtidade Ao vivo	Qtidade Arte
JN	40	2	3	9
RP	74	0	0	5

JN = Jornal Nacional

RP = Repórter Brasil

CONCLUSÕES PARCIAIS

Ciência vira pauta, quando associada às questões factuais. Essa foi uma das assertivas, tida como mantra, logo no início da pesquisa. Mas que parece não ser efetivamente absoluta em uma análise mais técnica, mesmo que reduzida.

Outra questão, analisada em discussões preliminares merece certa ponderação. A idéia de que o telejornal mesmo tendo o seu dever social, tem de lutar para sobreviver num mercado cada vez mais competitivo (GOMES, 1999). Interessante perceber que a ótica do telejornalismo público, se não foca o mercado publicitário, baseia-se extensivamente no modelo de cobertura factual das TV's Comerciais, mesmo com certos aspectos diferenciadores. Extensão de pauta, inclusão de atores pouco visíveis na



televisão e abertura à participação e discussão mais democrática seriam alguns desses aspectos visto no Repórter Brasil.

Em entrevista, o Superintendente Executivo da Empresa Brasileira de Comunicação, controladora da TV Brasil, Eduardo Castro atestou que: “Não há espaço garantido para nenhum assunto”.

Nessa pequena mostra, percebeu-se que, no Repórter Brasil, 10 minutos e 11 segundos foram reservados a assuntos factuais, categorizados como “Geral”, que poderiam ser propensos à cobertura científica, mas que foram reduzidos a uma cobertura mais formal, mesmo que mais analítica. É que foram reservados para essas matérias quadros explicativos mais abrangentes, mas que desprezaram o enfoque de divulgação do conhecimento científico. Os principais assuntos abordados nessa “editoria” foram: o fim do Horário de verão, resgate de tripulantes em alto mar e portabilidade telefônica.

Precariedades no aparato tecnológico das TV’s públicas é algo presente também, na realidade da TV Brasil. Ainda segundo o responsável pelo telejornalismo da emissora:

“Recebemos material de mais de 30 emissoras públicas, cada uma com sua especificidade e dificuldade. Não interferimos na pauta ou no conteúdo; recolhemos o material que elas optam ou conseguem mandar (poucas equipes, equipamento precário, foco no jornal local, dificuldades na geração - muitas não tem sequer ligação com a Embratel). Por isso a maioria das matérias é fria ou produzida. “

Na edição analisada observou-se 1 minuto e 22 segundos perdidos por conta de ausência de sinal. E verificou-se que não houve quaisquer relatos jornalísticos ao vivo.

Outras questões de relevância ao jornalismo público, elencadas por Gomes (1999), não foram observados à contento:

“De maneira geral, a programação das emissoras públicas dá prioridade à divulgação do conhecimento, da educação, da cultura e do lazer. Seus telejornais buscam promover um jornalismo voltado à promoção da cidadania, respeitando-a através da divulgação de notícias pluralistas, informativas e pedagógicas, do incentivo ao debate e da manutenção de um canal de comunicação com o público”

Ausências de notícias de Cultura, Serviços e de Ciência foram observadas na edição de 19 de fevereiro de 2010 do Repórter Brasil.

No caso do exemplo comercial de telejornalismo, representado pelo Jornal Nacional, percebeu-se algo curioso. Mesmo tendo um pouco mais da metade de duração do Repórter Brasil, foi mais diversificado (teve relatos em 10 das onze editorias



catalogadas: Política, Economia, Esporte, Cotidiano, Ciência, Serviços, Segurança, Cultura, Meio Ambiente, Internacional e Geral). Os relatos científicos (um Video Tape e uma Nota Coberta) representaram 9% do tempo de duração líquida do telejornal, ambas tendo a pesquisa científica como foco.

No entanto, faz-se necessário observar os enfoques e os objetos discursivos transpassados nessas duas matérias científicas, exibidas pelo Jornal Nacional. Uma delas, o segundo VT mais longo do jornal, detalha uma pesquisa realizada pelo Hospital das Clínicas de São Paulo, que comprova alguns benefícios das corridas para os idosos. Nela há o uso 5 personagens durante a matéria. Durante os 2 minutos e 4 segundos, são mostradas histórias do cotidiano que corroboram com a conclusão científica da pesquisa, ou seja, ratificam a voz dos cientistas. Imagens de dois especialistas em laboratórios, vestidos com batas, usando computadores, e um deles com um estetoscópio pendurado ao pescoço, durante toda a reportagem, são outros elementos figurativos na composição desse ethos científico no telejornal.

No segundo relato, uma nota coberta, de 27 segundos, é repassada a descoberta feita por cientistas de 80 países diferentes e apresentadas nos EUA sobre exploração da vida animal no fundo do oceano. Quatro imagens de animais diferentes são apresentados no vídeo. Não há maiores detalhes sobre a pesquisa. Não se fala da metodologia nem se destrincha os países participantes. A temática chama a atenção por serem bichos marítimos bastante diferentes dos convencionais. A curiosidade ganha mais valor.

Espera-se no final desse semestre que a análise se torne mais substanciada com o corpus ampliado e com uma densidade bibliográfica maior.

BIBLIOGRAFIA

ALBERGUINI, A. C. **A Ciência nos Telejornais Brasileiros - o papel educativo e a compreensão pública das matérias de CT&I**. Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2007.

ANDRADE, L. V. B. **Ciência na televisão: espaços cada vez mais escassos**. Em Formação. V.1. 2006. Disponível em: <<http://www.emformacao.bioqmed.ufrj.br/01/conexoes.htm>>. Acesso em ago. 2007

ANDRADE, L. V. B. **Iguarias na hora do jantar: o espaço da ciência no telejornalismo diário**. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2004.



- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo : Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.
- BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. **Introdução à Lingüística - Domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia. Secretaria Especial de Ciência e Tecnologia. **Guia prático para camelôs e bailarinas: debate sobre Jornalismo Científico**. Brasília: [s.n.], 1989.
- BUCCI, E. (Org.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.
- EPSTEIN, I. **Divulgação Científica: 96 verbetes**. Campinas, Pontes. 2002.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática. 2006.
- GOMES, I. M. A. M. **Dos laboratórios aos jornais: um estudo sobre jornalismo científico**. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1995.
- GOMES, I. M. A. M. **Características discursivo-textuais de Ciência Hoje**. Tese de Doutorado. Recife [PE]: UFPE, 2000.
- GOMES, I. M. A. M.; SALCEDO, D. A. **A divulgação científica nos jornais impressos em Pernambuco**. In.: Jornada de Iniciação Científica, 9, 2005a, Recife. Anais, Recife: FACEPE/CNPq, 2005a, p. 541-542.
- GOMES, I. M. A. M.; SALCEDO, D. A. **A divulgação da informação científica no Jornal do Commercio**. Icone, Recife [PE]: UFPE, 2005, v. 1., n. 8., dez. 2005b, p. 80-88.



- GOULART, A. P. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- HERNANDO, M. C. **Periodismo Científico**. Madrid: Paraninfo, 1992.
- IVANISSEVICH, A. A. **A mídia como intérprete**. In: Vilas Boas, Sérgio (org.) *Formação & Informação Científica*. São Paulo: Summus, 2005.
- IVANISSEVICH, A. **A divulgação científica na mídia**. In: *Ciência & Ambiente*. Santa Maria: UFSM, 2001, n. 23.
- LEÓN, B. **El documental de divulgación científica**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1999.
- LIMA, J. C. **O modelo da TV Cultura de São Paulo**. In Beth Carmona; Marcus Flora...[et al.]. *O Desafio da TV Pública*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.
- LOBATO, V. **TV pública pode democratizar informação**. Portal Aprendiz. Disponível em: <http://aprendiz.uol.com.br/content/kecrefrepummp>. Acessado em: novembro de 2009.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Curitiba, Criar Edições, 2006.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba, Criar Edições, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas, Pontes, 1997.
- MASSARANI, L.; MOREIRA, I. e BRITO, F. (Orgs.) **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002.
- NEIVA, Á. **Descaminhos da TV Pública. Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=478TVQ003>. Acessado em: novembro de 2009
- OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.
- SIQUEIRA, D. C. O. **A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo**. São Paulo: Annablume, 1999.
- SOUSA, C. M. (org.). **Comunicação, ciência e sociedade: diálogos de fronteira**. Taubaté: Cabral Editora, 2004.
- VIEIRA, C. L. **Pequeno manual de divulgação científica**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1999.



VIZEU, A. E. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Voze, 2008.

XAVIER, R. & SACCHI, R. **Almanaque da TV: 50 anos de memória e informação**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

ZAMBONI, L. M. S.. **Cientistas, Jornalistas e Divulgação Científica – subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas: Autores Associados, 2001.